



MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima: Ensaaios, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

## TONI MORRISON: UMA ESCRITORA ENGAJADA

Rodrigo Conçole Lage<sup>1</sup>  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
(rodrigo.lage@yahoo.com.br)

A *fonte da autoestima* é uma coletânea de ensaios e discursos, da escritora norte-americana Toni Morrison, que tratam dos mais diferentes assuntos, muitos deles abordados na sua obra ficcional. A escritora, que faleceu no dia 5 de agosto de 2019, foi a primeira escritora negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, em 1933. O livro é dividido em três partes, precedidas de uma introdução intitulada *Riscos* em que ela discute a questão da perseguição e da censura que aqueles que escrevem, – o que inclui não só escritores, mas também jornalistas e blogueiros –, sofrem nos regimes ditatoriais. Essas reflexões são o ponto de partida para Morrison discutir a respeito do papel do escritor na sociedade, mas também, com não menor importância, como os outros escritores e a sociedade em geral precisam agir diante dessa situação:

Escritores exercendo seu ofício, próximos ou distantes dos tronos da força bruta, do poder militar, dos empreendimentos imperiais e das casas de contabilidade, escritores que constroem significado diante do caos devem ser nutridos, protegidos. E é justo que essa proteção se inicie por meio de outros escritores. Isso é imperativo não apenas para salvar os escritores sitiados, mas para salvar a nós mesmos. O pensamento me faz contemplar com horror o apagamento de outras vozes, os romances nunca escritos, os poemas apenas sussurrados ou engolidos por medo de serem ouvidos pelas pessoas erradas, os idiomas clandestinos florescendo no subterrâneo, as indagações nunca articuladas de ensaístas que desafiam a autoridade, as peças jamais encenadas, os filmes cancelados – esse pensamento é um pesadelo. Como se um universo inteiro estivesse sendo descrito com tinta invisível (MORRISON, 2020, p. 11).

Esses princípios vão, de uma forma ou outra, estar no cerne de boa parte da coletânea. A primeira parte, *O lar do estrangeiro*, é composta de vinte textos que têm como foco questões políticas; a segunda, *Interlúdio: Black Matter(s)*, é composta de sete que tratam da questão negra; a última, *A linguagem de Deus*, é composta de dezesseis textos que têm como foco a literatura e o fazer literário de Morrison, isto é, o modo como escreve e as questões tratadas por ela em seus romances. No final, em *Fontes*, temos a bibliografia referente à primeira publicação destes textos. O primeiro texto, *Os mortos do Onze de Setembro*, é uma comovente e bela homenagem às vítimas dos atentados terroristas que ocorreram nos Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001. Ao mesmo tempo, é uma condenação que segue o princípio, apresentado na introdução, de que o escritor não pode se calar. Toda a primeira parte do livro tem um viés político muito forte.

---

<sup>1</sup> Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ.



Já *O lar do estrangeiro*, publicado também no livro *A origem dos outros*, aborda a visão que Morrison tinha da África e o modo como alguns autores apresentavam o continente africano de forma estereotipada. Morrison comenta como o escritor guineano foge desse padrão no romance *The Radiance of the King* ao analisar a obra. *Racismo e fascismo* é uma penetrante análise do modo de atuação dos regimes fascistas que começam inventando um inimigo interno e terminam tendo que manter o silêncio na sociedade, a todo custo. Morrison discute as relações entre fascismo e racismo, que considera “irmãos gêmeos” (MORRISON, 2020, p. 29), para mostrar que o fascismo também está presente nos EUA. Seu objetivo é deixar claro que nenhuma sociedade está livre dele até porque, como ela bem diz, “Fascismo envolve ideologia, mas, no fundo, trata-se mesmo de propaganda – propaganda pelo poder” (MORRISON, 2020, p. 29). Ela termina suas reflexões discutindo o horror que os fascistas têm pela democracia e como eles estão conectados aos interesses capitalistas. É um dos textos mais atuais e importantes do livro no que diz respeito a questões políticas e, de forma mais específica, a presença do fascismo na contemporaneidade. *Nosso lar* parte de um acontecimento do passado, uma pergunta sobre onde ela estudou quando criança, para se discutir a questão dos movimentos migratórios e de como o estrangeiro é visto pela sociedade na qual pretende se inserir. Ao longo do livro vemos que a sua obra ficcional também tem como uma de suas matrizes a memória de algum acontecimento do passado. Já *Papo de guerra* é uma discussão a respeito da definição de globalismo:

Ao tentar acertar as contas com os benefícios e os desafios do globalismo, fez-se necessário reconhecer que o termo sofre por causa de sua própria história. Não é o mesmo que imperialismo, internacionalismo, nem mesmo universalismo. Uma grande diferença entre globalismo e seus predecessores reside, certamente na velocidade que o caracteriza: a rápida reconfiguração de alianças políticas e econômicas e o quase instantâneo remapeamento de Estados-nação (MORRISON, 2020, p. 36).

O com foco da discussão reside no impacto que o globalismo tem na língua. Para isso, Morrison reflete sobre a natureza dos discursos bélicos. *Guerra ao erro* é um discurso no qual ela comenta a respeito de vários problemas da época para abordar a importância de se pensar o futuro. Em *Com uma raça em mente: a imprensa em ação* discute o papel da imprensa na sociedade a partir do modo como o jornalismo norte-americano aborda a questão da identidade racial; o que a leva a tratar do modo como os negros foram representados no teatro de variedades.

*Habitantes morais* aborda a violência praticada contra os negros durante a escravidão e o preconceito racial (em relação a todas as raças vistas como inferiores), citando vários casos. Diante da impossibilidade de criar uma sociedade de caráter humanitário, devemos identificar o inimigo a ser combatido e aprender o que é o certo porque somos seres morais e não podemos esquecer que, mesmo com toda a violência que nos rodeia, existe beleza no mundo. *O preço da riqueza, o custo da assistência* apresenta um balanço do papel do dinheiro na sociedade, com todos os crimes realizados por sua causa, para depois discutir os movimentos migratórios, a inserção do estrangeiro na sociedade e a importância da



solidariedade, com um elogio ao trabalho dos Médicos Sem Fronteiras e uma defesa do papel da arte no mundo.

Alguns textos têm como ponto central a arte e o artista, o que envolve discussões sobre a sua importância e a importância do apoio financeiro por meio de instituições, bolsas, prêmios. *O hábito da arte* tem relação com outros textos porque é mais uma análise sobre a importância da arte e das organizações que trabalham em prol dela diante de um mundo com tantas tragédias. *O artista singular* descreve o drama, relacionado ao modo como o artista é visto pelas pessoas, e a importância dele na sociedade, o que leva novamente a uma discussão sobre a necessidade que os artistas tem de ser auxiliados financeiramente para que possam produzir sua obra. *Defesa das artes* retoma os mesmos assuntos a partir de um novo ângulo.

Em *Um discurso de formatura*, Morrison fala sobre a necessidade de sonhar, diante dos problemas e desafios que enfrentamos, para que estes sonhos guiem nossas ações no decorrer de nossas vidas: “Sonhem o mundo como ele deveria ser” (MORRISON, 2020, p. 99). O texto *O corpo escravizado e o corpo negro* apresenta uma crítica aos que desejam que os males da escravidão sejam esquecidos porque o melhor é não remexer nessas feridas. Ela discute a importância de se preservar a memória desses fatos até porque o preconceito e o trabalho escravo continuam a existir. *Harley on My Mind: Contestando a memória – Reflexões sobre museus, cultura e integração* discute o lugar do museu na contemporaneidade a partir das críticas geradas pela exposição mencionada no título e as consequências dela para a divulgação dos artistas afro-americanos.

*Mulheres, raça e memória* é um texto importante sobre questões relacionadas ao feminismo e gira em torno da questão: “como uma mulher pode ser vista e respeitada como ser humano sem se tornar uma cidadã à imagem do homem ou dominada pelo homem?” (MORRISON, 2020, p. 119). Ela discute as divisões existentes entre as mulheres na sociedade norte-americana e o impacto dessas divisões no feminismo, e faz algumas associações entre racismo e sexismo. Este texto merece destaque porque esse é um tema que perpassa toda a sua obra. Em *Literatura e vida pública* temos uma dura crítica a espetacularização da vida na contemporaneidade: “A presente Era do espetáculo prometeu intimidade e universalização numa aldeia global. Mas tudo o que trouxe foi uma espantosa confusão sobre nossa existência pública e privada” (MORRISON, 2020, p. 133). A partir da constatação desse fato a escritora discute a desconexão existente atualmente entre o público e o privado e a importância da literatura nesse cenário. Isso foi feito por meio de breves comentários sobre alguns de seus romances.

*O discurso do Nobel de literatura* tem como ponto central a linguagem nos mais diferentes sentidos para defender a ideia de que ela nos diz “como enxergar sem imagens. Só a linguagem nos protege do terror das coisas sem nome. Só a linguagem é meditação” (MORRISON, 2020, p. 148). Em *As meias-irmãs de Cinderela* a escritora critica a violência que as mulheres praticam contra outras mulheres ainda mais quando buscam a realização pessoal e exercem o poder. O último texto da primeira parte é *O futuro do tempo: Literatura e expectativas reduzidas*. Reflexão sobre o final do século XX e o novo século que se aproximava e a incapacidade de se imaginar o futuro distante, um reflexo da falta de confiança na existência de um futuro duradouro.



Dentro desse cenário, para Morrison (2020, p. 154), “não deixa de ser notável quão frequentemente nossas incursões imaginativas ao futuro se reduzem a meras ocasiões para reimaginar ou alterar o presente pelo expediente de imaginá-lo como passado”. Ao mesmo tempo, ela entende que esse modo de ver o futuro tem um caráter negativo: “E esse olhar para trás, embora possibilitado pela tecnologia, não oferece nenhum consolo para o futuro da humanidade” (MORRISON, 2020, p. 154). Essa corrida ao passado seria fruto da secularização da cultura. Ela faz alguns comentários sobre o presente e a vida mais longa que temos atualmente para discutir sobre onde buscar esperança no futuro. Ela defende que a literatura tem essa função e, para comprovar isso, apresenta alguns exemplos.

O primeiro texto da segunda parte, *Interlúdio: Black Matter(s)*, é o *Tributo a Martin Luther King Jr.*, uma breve reflexão sobre o legado que ele deixou para a humanidade. Em *Questão de raça* temos um comentário sobre a presença desse tema em sua obra, das questões abordadas aos dilemas enfrentados por Morrison ao tratar desse assunto. A escritora examina também a relação da linguagem e do movimento migratório dos povos com esta questão. Na conclusão, temos uma reflexão crítica sobre a presença dos estudos de raça no meio acadêmico estadunidense. Além de escritora, Morrison é professora, o que explica a presença de vários comentários referentes ao meio acadêmico nos seus textos. Em *Black Matter(s)* discute a questão da presença dos africanos e afro-americanos na literatura dos Estados Unidos em contraposição a ideia de que “não teve lugar significativo ou consequência na origem e no desenvolvimento da literatura dessa mesma cultura” (MORRISON, 2020, p. 187). Para isso cria o conceito de africanismo americano, que vai ser discutido ao longo do texto:

Uso “africanismo” como termo para a negritude denotativa e conotativa que os povos africanos passaram a significar, bem como para o arcabouço completo de pontos de vista, pressuposições, leituras e equívocos que caracterizam esses povos aos olhos eurocêntricos (MORRISON, 2020, p. 187).

Morrison examina também como o racismo foi pensado dentro dessa literatura, criticando a falta de interesse dos estudiosos em se examinar como o racismo influencia a mente e o comportamento do senhor de escravo. Na sequência, examina o efeito do africanismo no país a partir dos criadores de sua literatura, com destaque para o romance *Adventures of Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Essas discussões estão intimamente relacionadas com o texto que vem depois, *Coisas indizíveis não ditas: A presença afro-americana na literatura americana*, que é o mais longo do livro e está dividido em três partes. Na primeira, Morrison discute a questão do cânone literário e a inserção da literatura afro-americana nele. Paralelamente, examina assuntos como a relação existente entre raça e literatura, como o cânone vai sofrendo alterações e os motivos que levam a essas mudanças. Na segunda, discute questões ligadas à literatura afro-americana e o modo como tem sido vista pela crítica e a forma como o cânone norte-americano tem sido reinterpretado com o objetivo de identificar o modo como esta literatura e a própria literatura afro-americana foram influenciadas pela presença dos afro-americanos no país, o que leva a pergunta: “O que faz uma obra ser ‘negra’” (MORRISON, 2020, p. 228). Ela então passa a examinar como isto está presente em alguns escritores,





com destaque para Herman Melville. Na terceira, ela examina “o impacto da cultura afro-americana na literatura contemporânea americana” (MORRISON, 2020, p. 240). Para isso comenta esse impacto em alguns de seus romances.

Em *Sussurros acadêmicos*, Morrison analisa a presença dos estudos da literatura e da cultura afro-americana de modo geral nas universidades dos EUA e como a questão das construções raciais permeia as mais diferentes disciplinas. Ela faz uma crítica da forma como a questão é tratada partindo do princípio de que elas têm sido abordadas de três formas: “1) cultura afro-americana como exame e diagnóstico do paciente; 2) cultura afro-americana como vacina contra a intolerância; e 3) cultura afro-americana como celebração e reconhecimento insistente da saúde e da beleza culturais” (MORRISON, 2020, p. 264). Ela examina o modo como se posicionou diante dessas discussões e como tratou a questão racial na sua obra, assunto presente em outros textos desta coletânea.

Em *Gertrude Stein e a diferença que ela faz*, Morrison defende a ideia de que como respostas ao caos, que ela tipifica como sendo o outro, e de forma mais específica a chamada presença africanista nos EUA, nós podemos nomeá-lo, sucumbir a violência ou adotar a quietude, explicando cada uma delas. De forma resumida, a autora examina como alguns escritores do modernismo estadunidense abordaram a questão. Ela foca no livro *Three Lives* de Stein, que é apresentada como uma precursora deste movimento. Morrison faz uma contundente crítica da forma como a escritora trabalhou a presença do negro associada com a questão da mulher negra, a da sexualidade e a da construção da identidade nacional. A escritora encerra a seção com o artigo *Difícil, verdadeiro e duvidoso*. Nele a escritora discute a questão do escritor inserido numa cultura estrangeira e a daquele que vê a própria cultura como sendo estrangeira. Para isso examina o modo como ela mesma se via e a posição dos escritores afro-americanos de modo geral.

Por fim, temos os textos que compõem a terceira seção, *Parte II: A linguagem de Deus*. *Eulógia para James Baldwin*, o primeiro deles, é um discurso de agradecimento por aquilo que Morrison recebeu do escritor norte-americano que são a língua, a coragem e a ternura. Já em *O sítio da memória* ela revela que as narrativas autobiográficas de escravizados são parte importante de sua herança literária. A escritora apresenta um breve estudo desses relatos e discute os motivos que levaram os autores a omitir os aspectos mais sórdidos da escravidão de seus relatos e a sua vida interior.

Esse é o ponto de partida para Morrison explicar que, sendo negra e mulher, no período em que escreveu, seu papel era diferente: “Meu trabalho consiste em rasgar o véu que recobre aqueles “procedimentos terríveis demais para relatar” (MORRISON, 2020, p. 308). Ela analisa o modo como contata sua vida interior para retirar o material com o qual vai compor sua narrativa e o modo como esse material vira ficção. Ela discute o modo como alguns escritores fizeram isso e compara com o que ela fez em alguns romances, o que leva a uma reflexão sobre a memória e a sua escrita. No fim, responde algumas perguntas. É um dos muitos textos sobre o modo como escreve.

*A linguagem de Deus* é uma reflexão sobre as questões que servem de ponto de partida para a escrita de seus romances. A escritora enfatiza o tema do paraíso e a problemática da utilização da linguagem religiosa, em uma obra literária,



presentes no livro que estava escrevendo. *Em Grendel e sua mãe*, Morrison faz um resumo do poema *Beowulf* e examina como a história foi retrabalhada no romance *Grendel*, de John Gardner, para discutir a ideia de crise e o modo como ela se diferencia da de conflito. Na sequência, examina a presença do conflito no meio acadêmico com a esperança de que a linguagem “se tornará a mão que detém a crise e abre espaço para o conflito criativo e construtivo, surpreendendo nossa vida e afiando nosso intelecto” (MORRISON, 2020, p. 338). Ela encerra o texto com um chamamento em defesa da democracia.

O texto *A escritora diante da página* está intimamente relacionado com o posterior intitulado *Memória, criação e ficção*. Os dois compartilham muitos trechos e tratam, basicamente, dos mesmos assuntos de modo que eles se complementam. Eles apresentam uma reflexão acerca do papel da memória na elaboração da sua obra acompanhada de comentários sobre outras questões, como a utilização de referências literárias, a construção da narração, a presença de elementos da “tradição estética da cultura afro-americana” (MORRISON, 2020, p. 424) e a linguagem. São leituras imprescindíveis para um melhor conhecimento a respeito do modo como Morrison escreve e do modo como ela vê o leitor.

O problema com *Paraíso* é uma reflexão sobre alguns problemas presentes no romance *Paraíso*, de 1977. A escritora aborda temas ligados a raça e a sua relação com a linguagem e, reaproveitando alguns trechos e ideias expostas em *A linguagem de Deus*, discute a questão da ideia de um paraíso e a do uso da linguagem religiosa na literatura. Em *Sobre Amada*, Morrison trata da escrita deste romance, explicando que a sua problemática relação com a história foi o que levou à escrita deste livro. Ela aborda, entre outras coisas, a questão dos silêncios e apagamentos da história e fala do seu interesse em preencher essas lacunas, o que a levou a escrever *O olho mais azul*, por exemplo. A escritora comenta o fato de que esses silêncios caem sobre algumas populações, as minorias, e explica como em *Amada* ela abordava assuntos relacionados ao movimento das mulheres, como o tema da liberdade. Morrison termina discutindo problemas ligados à abordagem da vida escrava.

Em *Chinua Achebe*, a escritora aborda a importância da literatura africana na sua formação e na deste autor nigeriano em especial. *Apresentação de Peter Sellars* é um breve elogio ao trabalho do diretor de palco norte-americano. *Tributo a Romare Bearden* fala sobre um artista, escritor e compositor afro-americano que faleceu em 1988. Ela comenta algumas características de sua obra e, ao mesmo tempo, aborda algumas questões ligadas à arte afro-americana como a questão da autenticidade que a sociedade cobra do artista. Merece destaque a análise que Morrison faz de um retrato que o artista fez de uma de suas personagens, *Pilates de A canção de Solomon*. Em *Faulkner e as mulheres* ela explica que, por estar escrevendo um livro, não podia fazer uma conferência sobre este assunto, revelando que escreveu uma tese sobre o escritor, e em seu lugar fez a leitura de um trecho do livro (não reproduzido), o romance *Amada*. No final, ela responde a algumas perguntas sobre sua carreira e sua obra. Em *A fonte da auto estima*, Morrison aborda, principalmente, algumas questões ligadas à escrita de dois romances:

Por isso quero falar sobre como lidei com a história, ou como tive de lidar com a história, ao escrever *Amada*. E a partir disso avançar do impacto da



história nessa forma ficcional para a cultura de um período posterior, os anos 1920, e como essa cultura influenciou a construção de um novo romance, *Jazz* (MORRISON, 2020, p. 393).

*Rememória* é uma reflexão sobre a importância e o papel da memória, mais o problema da questão racial, na construção da sua obra. *Adeus a tudo aquilo: Raça, barriga de aluguel*, como outros textos da coletânea, aborda a questão do escritor negro na sociedade norte-americana, a da raça na literatura, e em sua obra, e o modo com que se conecta com a linguagem. Ela examina como algumas escritoras, incluindo ela própria, trabalharam o tema da separação, da relação entre a mulher negra e a mulher branca, que muitas vezes são de substituição (sendo uma substituta da mãe). O livro se encerra com o texto *Tinta invisível: Ler a escrita e escrever a leitura*. Partindo de um artigo seu Morrison discute o papel do leitor, contestando a noção de que o texto é algo estável, que não muda de acordo com o leitor. Ela aborda os mecanismos que um escritor utiliza para levar o leitor a exercer esse papel ativo defendendo que é preciso: “Desqualificar a noção de um texto estável em favor de um texto que depende de um leitor ativo e ativado que está escrevendo a leitura – em tinta invisível” (MORRISON, 2020, p. 447). Por tudo o que foi dito, vemos que esta coletânea é de fundamental importância para todos os que desejam conhecer melhor sua obra, o modo como elaborou seus livros, questões ligadas ao papel do escritor negro na sociedade e os diferentes assuntos tratados em seus romances.

## Referências

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima: Ensaios, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em: 05/09/2021

Aceito em: 05/10/2021